

O poder do pronunciamento de celebridades sobre o genocídio Palestino na opinião pública¹

Ana Luiza Duarte²
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Resumo

Este artigo se propõe a discutir a necessidade do apoio público celebridades nas redes sociais contra o genocídio Palestino, tendo em vista os ataques de Israel contra a Palestina em outubro de 2023. A partir do método bibliográfico e de uma abordagem analítica, buscamos compreender se e como as celebridades podem influenciar opiniões em temas de interesse público. A pesquisa teve como base teórica autores como Butler, Dahl e Habermas. Por fim, foi concluído que o ativismo digital exercido pelas celebridades pode ser uma poderosa ferramenta estratégica e política de mobilização global. Em tempos em que a visibilidade é uma forma de poder, não falar é, também, uma escolha política, além de ser uma escolha que, frequentemente, favorece o lado opressor.

Palavras-chave: celebridades, debate público, redes sociais, ativismo digital.

Introdução

Após um ataque contra Israel em outubro de 2023, o país iniciou uma ofensiva militar massiva na Faixa de Gaza, caracterizada por bombardeios intensos e uma subsequente invasão terrestre. Desde então, a campanha militar israelense tem sido amplamente criticada por sua desproporcionalidade e pelos altos índices de vítimas.

Celebridades possuem a capacidade de mobilizar a atenção pública e amplificar narrativas que são silenciadas ou distorcidas pela mídia hegemônica. A responsabilidade ética de utilizar plataformas de grande alcance para defender grupos minoritários e os direitos humanos está sendo cada vez mais reconhecida na sociedade.

Este artigo propõe-se a discutir, a partir do método bibliográfico, a necessidade do apoio público celebridades nas redes sociais contra o genocídio Palestino, com o objetivo de compreender se e como as celebridades podem influenciar opiniões em temas de interesse público.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídia e Liberdade de Expressão, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Tecnologias, Linguagens e Inovação em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília (CEUB). Bolsista CAPES. E-mail: analuduarte@gmail.com.

Qual é o peso do silêncio?

A ascensão das plataformas de redes sociais fez com que o ativismo ganhasse novos ares. Ao longo da última década, a discussão sobre o poder das celebridades nas redes sociais levantou debates acerca da importância das opiniões de indivíduos influentes em temas de interesse público.

Dahl (2001, p.111), destaca que os cidadãos precisam ter acesso a fontes de informação que não estejam sob o controle do governo ou que sejam dominadas por qualquer grupo ou ponto de vista. Esse argumento é sustentado por Habermas (1984), que explica que a mudança social, ligada à massificação, está construindo indivíduos cada vez menos capazes de opinar criticamente.

Em resposta à intensificação do genocídio palestino, o movimento pró-Palestina nas redes sociais gerou uma onda de cobranças para que celebridades se pronunciassem nas plataformas, com o objetivo de influenciar a opinião pública contra o sionismo.

Butler (2024) reflete sobre a distribuição desigual do valor das vidas humanas no espaço público e midiático ao destacar que as mídias e os discursos hegemônicos moldam quadros de reconhecimento que determinam quais vidas são consideradas dignas de luto e quais podem ser sacrificadas sem comoção. Essa ideia é particularmente elucidativa para compreender a assimetria de empatia observada na cobertura dos conflitos entre o Estado de Israel e a Palestina.

De acordo com o conceito de “banalidade do mal” de Hannah Arendt (1999), basta que haja pessoas supérfluas - nesse caso, pessoas que escolhem ser omissas diante das atrocidades do mundo - para que o mal se estabeleça facilmente na sociedade.

Ao não questionarem as estruturas de opressão ou se eximirem do debate público, tais figuras contribuem, ainda que indiretamente, para a perpetuação do status quo e para a invisibilização do sofrimento palestino.

Contribuições da pesquisa

Neste artigo concluímos que figuras públicas, ao ocuparem posições privilegiadas tanto no ambiente digital como no pensamento coletivo, possuem não

apenas o poder, mas também a responsabilidade ética de se posicionarem contra violações sistemáticas dos direitos humanos - como é o caso do genocídio palestino.

Quando não se pronunciam, as celebridades colaboram, mesmo que indiretamente, com a invisibilização das violências sofridas pelo povo Palestino. Essa omissão deve ser lida como uma estratégia que resguarda privilégios e sustenta desigualdades globais.

Em contrapartida, o pronunciamento de celebridades nas redes sociais contribui para legitimar demandas por justiça, além de incentivar o engajamento cívico. O engajamento que personalidades do entretenimento possuem no universo cibernético pode contribuir para a formação de uma esfera pública mais sensível às causas humanitárias.

Em um cenário em que genocídios são transmitidos em tempo real, o posicionamento digital de referências públicas não é apenas desejável, mas sim urgente.

Referências

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BOYD, d. (2010). **Social Networks as Networkd Publics: Affordances, Dynamics, and Implications.** In: PAPACHARISSI, Z. (Org.). *Networked Self*, 39-58.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?.** Civilização brasileira, 2024.

DAHL, Robert A. **Sobre a democracia.** Brasília, DF: Ed. da UnB, 2001.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.